

## **Educação: do Humanismo até a Revolução Francesa**

### **Education: from Humanism to the French Revolution**

*Elizete Antunes Gemin<sup>1</sup>*

#### **Resumo**

O presente ensaio faz uma contextualização histórica dessa fase da educação e intelectualização europeia e apresenta principalmente a problematização ocorrida devido ao fato de que toda a efervescência cultural não veio a sistematizar o conhecimento, nem tampouco, a educação de qualidade e igualitária foi levada aos homens com condições financeiras desfavoráveis. Por causa disso, somente a aristocracia alcançou o refinamento erudito pregado por Erasmo de Roterdã e, por não ser observada a simplicidade defendida por esse mesmo autor, a opulência foi uma das causas da degradação moral do homem da época. Surgiu um conceito, defendido por Rousseau, de uma sociedade ideal. Nessa sociedade utópica, a educação institucionalizada seria o sustentáculo de formação do homem inteiramente novo, que naturalmente atuaria no meio social. Porém, durante a Revolução Francesa, podemos observar o início da educação pública, laica e obrigatória que tinha por objetivo principal a reformulação do homem, coeso com o Estado e a sociedade. Para a consecução deste trabalho, foram consultadas fontes como: Ensaio de Montaigne; Gargântua e Pantagruel, de Rabelais; Discurso do Método: Meditações de Descartes; Emílio ou Da Educação, de Rousseau. Com relação às referências bibliográficas, foram usadas obras clássicas sobre o tema, como: Boto (1996), Burke (2003), Eby (1962), Larroyo (1974), Lawrence (1974), Leif e Rustin (1960) e Luzuriaga (1985). Com o estudo dessas referências imprescindíveis, pudemos perceber o grande valor dado ao lema: liberdade, igualdade e fraternidade usadas na época, entretanto na realidade, o lema, não foi adotado na totalidade.

**Palavras-chave:** Intelectualização. Educação de qualidade. Sociedade ideal. Educação Institucionalizada.

#### **Abstract**

The present essay presents a historical context of this phase of European education and intellectualization and presents mainly the problematization occurred due to the fact that all the cultural effervescence did not come to systematize the knowledge nor did the quality and egalitarian education was carried to the men with Unfavorable financial conditions. Because of this, only the aristocracy reached the erudite refinement preached by Erasmus of Rotterdam and, not being observed the simplicity defended by this same author, the opulence was one of the causes of the moral degradation of the man of the time. A concept, argued by Rousseau, of an ideal society arose. In this utopian society, institutionalized education would be the mainstay of the formation of the entirely new man, who would naturally act in the social environment. However, during the French Revolution, we can observe the beginning of public, secular and compulsory education, whose main objective was the reformulation of man, which is in harmony with the State and society. For the accomplishment of this work, were consulted sources like: Assays of Montaigne; Gargantua and Pantagruel, of Rabelais; Discourse of the Method: Meditations of Descartes; Emílio or Da Educação, by Rousseau. As for bibliographical references, classic works on the theme were used, such as: Boto (1996), Burke (2003), Eby (1962), Larroyo (1974), Lawrence (1974), Leif and Rustin (1960) and Luzuriaga 1985). With the study of these indispensable references, we could perceive the great value given to the motto: freedom, equality and fraternity used at the time, however in reality, the motto was not adopted in the totality.

**Keywords:** Intellectualization. Quality education. Ideal partnership. Institutional Education.

---

<sup>1</sup> Pedagoga graduada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da rede municipal de educação – Pinhais/PR. E-mail: elizetegemin@gmail.com

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal uma aproximação de como a educação foi pensada pelos intelectuais em um recorte temporal que abrange desde o Humanismo até a Revolução francesa.

De maneira breve e sucinta será apresentada uma contextualização que desencadeará a exposição de algumas das características que marcaram os períodos relatados e encaminharam ao desejo de uma nova educação que materializaria um novo homem de valor que culminaria em uma sociedade idealizada onde seriam observados, por todos, preceitos de igualdade, liberdade, ordem e justiça.

Neste trabalho são apresentados grandes nomes de pensadores de proeminência que ao seu tempo viam a necessidade de um aprimoramento da educação, pois viam nela o conduto certo para se reformular o homem e a sociedade.

Como veremos mais adiante a educação idealizada por esses intelectuais não se materializou de maneira igualitária e justa.

## 2. O Humanismo

A Idade Média, que também tem a designação de *medievo*, iniciou-se no século V e trouxe como maior contribuição cultural a criação das universidades, entretanto a educação não sofreu alterações significativas, pois permanecia sob controle da Igreja, e foi praticamente a mesma durante todo o período:

Se houvesse outra alternativa e os homens da época tivessem sido capazes de recriar o espírito grego, a história da educação teria sido completamente diferente. Assim a vida foi morrendo a pouco e pouco, e a letra substituiu o espírito nas escolas. A educação converteu-se num estudo limitado das línguas clássicas, como o latim. A forma superou o conteúdo, e em vez da literatura grega nas escolas estudavam-se as regras de gramática; em vez da vida as palavras. Quando a grande aurora deu lugar ao dia, as escolas ficaram num estado de rigidez moribunda, um verdadeiro *rigor mortis*. (LAWRENCE, 1974, p. 67-68).

Após a Idade Média, surge a Renascença na Itália, junto a ela inicia-se também uma nova fase cultural, filosófica e educacional denominada “Humanismo”; nela a concepção educacional era humana, prazerosa e alegre. Percebe-se neste período o início de uma autonomia educacional. Nos ideais do Humanismo o homem estaria desvincilhado da visão

triste do medievo e das amarras místicas que a Igreja impunha na população com vistas à manutenção do poder que exercia.

O movimento humanista tinha o apoio da realeza que, juntamente com aqueles que faziam parte da intelectualidade, constataram a necessidade de ampliar a movimentação científica. Para tanto, o recurso utilizado foi a discussão e assim, fomentou-se a circulação de ideias. Como as instituições universitárias da época mostravam-se em sua maioria tradicionalistas e contrárias aos novos ideais, a discussão acontecia em ambientes para além das universidades.

Surgiram então as academias, onde os debates eram livres, baseados fundamentalmente no antropocentrismo (o homem ocuparia lugar central, e tudo em volta giraria em torno dele), e se fazia o uso da razão livremente. Segundo Larroyo (1974), “[...] cuidando de estender o movimento científico dos séculos XVI e XVII a uma íntegra concepção do mundo, e de converter a consciência de *autonomia* da razão em princípio supremo de todo o comportamento” (LARROYO, 1974, p.507-8).

O uso e o crédito que se depositava no racionalismo pelos adeptos do humanismo, de início, não passava de uma extensão do racionalismo escolástico, que foi, aos poucos, se firmando e adentrando as universidades, tomando novas nuances, e se desvencilhando do domínio que a religiosidade exercia sobre o pensamento. Assim, entende-se que a religião continuava a indicar o rumo a seguir, no entanto, não impedia a visão harmônica entre ciência e preceitos cristãos.

## 2.1 Os humanistas

Dentro do movimento humanista, vários foram os nomes que tiveram proeminência como: François Rabelais, Erasmo de Rotterdam, Michel de Montaigne,

François Rabelais nasceu em Devenière no ano de 1494 e morreu em Paris em 1553, foi escritor, sacerdote e médico. Destacou-se como um grande crítico da cultura escolástica e do desuso do helenismo. Em sua obra **Gargantua e Pantagruel**, lança bases de uma educação voltada à felicidade e liberdade, um espírito voltado a observações, reflexões e leituras:

[...] voltava ao estudo principal durante três horas ou mais, tanto repetindo a leitura matinal como fazendo outras leituras, e também escrevendo, aperfeiçoando-se nas Escritas das letras antigas e romanas. Isso feito, saía do seu palácio, com um jovem nobre de Touraine chamada escudeiro Ginasta, o qual lhe mostrava a arte da cavalaria. Mudando, então, de vestes cavalgava um corcel, [...] Lutava, corria, saltava, (RABELAIS, 1956, p. 128-129).

Além de Rabelais constituir-se num contestador quanto à educação da época, defendia e era favorável ao cultivo do corpo através de exercícios físicos:

Rabelais nos oferece em seu livro um ideal de gigantesca expansão humana. Quer chamar nossa atenção para os recursos infinitos de que dispomos, desde que nos apliquemos a desenvolvê-los. Pode-se lá saber do que o homem é capaz? O corpo humano bem exercitado na prática freqüente de jogos e exercícios de toda sorte, tão negligenciados desde o fim da Grécia clássica, pode atingir beleza maravilhosa e tornar-se apto a realizar admiráveis proezas. (LEIF; RUSTIN, 1960, p. 44).

Para Rabelais, aprender sobre a natureza também era importante. De acordo com Leif e Rustin (1960, p. 45), “para ele, não somente a natureza é boa, mas tudo que é natural é bom por ser natural”. Dessa maneira, na educação sugerida por Rabelais, além de se seguir um caminho cristão, o espírito deveria ter liberdade na busca do conhecimento científico, humano e natural.

Outro nome proeminente no Humanismo é Erasmo de Rotterdam. Ele nasceu em Rotterdam no ano de 1469 e morreu na Basileia em 1536. Segundo Luzuriaga (1985, p. 99), “Erasmo foi o mais brilhante dos pensadores e o maior dos humanistas”. Foi sacerdote e escritor erudito, dedicou-se às letras clássicas, também se destacou como grande crítico da cultura escolástica e formação moral pela cultura. Para esse humanista em questão, a educação deveria iniciar-se na infância. De acordo com Leif e Rustin (1960), “afirma Erasmo que nunca se empreenderá demasiado cedo para a instrução da criança. Desde que ela começa a falar, cumpre ocupar-nos de sua instrução e cumpre continuar com aplicação e ininterruptamente até que se tenha realizado um ideal humano valioso”. (LEIF; RUSTIN,, 1960, p.48).

O escritor, um erudito, aconselhava a leitura de textos aprimorados, ou seja, o principal de cada ramo do saber para a formação de um escol na sociedade. Segundo Leif e Rustin (1960), “Para Erasmo, o homem verdadeiro é o homem de espírito cultivado, mas cultivado com delicadeza e refinamento. [...] Dos autores antigos, apenas a fina flor, pelo estilo ou pelas idéias” (LEIF; RUSTIN,, 1960, p.48). A educação para ele deveria ter refinamento clássico e discreto, pois a própria Igreja detentora do saber, deveria voltar aos tempos em que a simplicidade era uma constante e cultivada piamente. Por não ser observada a simplicidade defendida por esse mesmo autor, a opulência foi uma das causas da degradação moral do homem da época.

Para Erasmo, os estudos literários eram altamente educativos e os estudos bíblicos deveriam ter primazia para a construção da virtude no homem, portanto, esses dois tipos de estudos enriqueceriam o homem e resultariam em um humanismo cristão aprimorado.

Outro humanista que também se destacou foi Michel de Montaigne (1533-1592); nascido de uma família de comerciantes franceses, foi educado nos moldes humanistas, estudou Direito em Toulouse.

Por essa época, eclodiam conflitos de ordem religiosa entre católicos e protestantes, que diminuiriam a confiança de Montaigne na aptidão humana e no otimismo. Esses acontecimentos influenciaram seus escritos e nos mostram seu ceticismo. Apesar de ser um burguês, era contrário aos padrões de erudição e costumes da aristocracia intelectual que, aos seus olhos, geralmente mostrava-se exibicionista. Ele era totalmente contrário à educação escolástica, livresca e ao método mnemônico de ensino:

Não cessam de nos gritar aos ouvidos, como que por meio de um funil, o que nos querem ensinar, e o nosso trabalho consiste em repetir. Gostaria que ele corrigisse este erro, e desde logo, segundo a inteligência da criança, começasse a indicar-lhe o caminho, fazendo-lhe provar as coisas, e as escolher e discernir por si próprio, indicando-lhe por vezes o caminho certo ou lho permitindo escolher..” (MONTAIGNE, 1972, p. 151).

O Senhor de Montaigne aconselhava que a educação devesse ser tomada por exemplos e esclarecida no realismo, no naturalismo e nas experiências pessoais. De acordo com Luzuriaga (1985), “Ainda que não tivesse experiência direta do ensino, as lembranças pessoais lhe serviam de orientação, tanto na parte negativa e crítica, como na construtiva. As ideias de Montaigne também se inspiram no realismo e no naturalismo”. (LUZURIAGA, 1985, p.106).

Dessa maneira, Montaigne sugere uma educação eficiente e ativa, que resultaria em um ensino, integral, moral e humano. Para ele, tal educação deveria ter início em tenra idade, ideia que também foi defendida por Erasmo de Rotterdam. Segundo Montaigne, era necessário também levar em consideração o despertar e o interesse da criança.

Além dos humanistas já citados, também merecem ênfase os nomes de: Petrarca, Leon Battista Alberti, Rudolphus Agrícola, Jacob Wimpheling, Antônio de Nebrija, Juan Luís Vives, John Colet, Maquiavel, entre outros, que contribuíram com o movimento; e, através de suas trajetórias, lançaram novas ideias pedagógicas e educacionais.

### **3. Humanismo e Reforma**

O uso da razão apesar de libertário, inicialmente estava atrelado à religiosidade e difundiu-se no século XVI. Nesse recorte temporal conviveu tanto o Humanismo, quanto a Reforma – movimentos racionais – que tiveram adaptações de um cotidiano religioso,

mostraram objetivos distintos causando certas tensões. De acordo com Luzuriaga (1985), “Humanismo e Reforma coincidem, assim, em muitos pontos, posto divirjam noutros.” (LUZURIAGA, 1985, p.108).

Outro autor considera essa linha de pensamento, Eby (1962), “Os interesses do Humanismo e do Protestantismo não eram, de forma alguma, idênticos e conseqüentemente, na reconstrução dos dois não se uniram numa política educacional uniforme.” (EBY, 1962, p.76). O resultado foi então uma política educacional diferenciada entre eles.

Dessa maneira, a educação ocidental teve nuances que ora pendiam mais para os humanistas, ora para os reformistas. De maneira geral, os humanistas não aparelharam o ensino, apresentaram princípios estéticos, intelectuais e aristocráticos e eram inspirados nos clássicos latinos e gregos. Ao contrário dos humanistas, os reformistas mostraram-se mais organizados. Nascida de um movimento social e popular, a Reforma teve como principal fonte de inspiração a Bíblia e conseguiu, destacar-se no aspecto religioso e ético.

Para Luzuriaga (1985, p. 108), “a educação humanista tem caráter mais livre, espontâneo e risonho, enquanto que a reformada é mais severa, rigorosa e atormentada.” As diferenças entre esses dois movimentos eram percebidas conforme os países onde se instalavam, que pendiam ao Reformismo ou ao Humanismo.

A Reforma protestante foi tão ampla que fez com que na própria Igreja Católica ocorressem modificações internas ocasionando a Contrarreforma que durou aproximadamente dois séculos. A Contrarreforma pretendia descontinuar o espírito crítico da razão e voltar à religiosidade aos mandos da Igreja Católica. O primeiro órgão criado nesse sentido foi a Companhia de Jesus e depois o Concílio de Trento. De maneira geral,, o que se buscava na contrarreforma era robustecer o ensino catequético. De acordo com Leif e Rustin (1960, p. 55) “Cristianizar o humanismo”. Desta maneira, pensava a Igreja conseguir conter o avanço protestante e o retorno da hegemonia católica.

#### 4 A Revolução Científica

Iniciou-se na Europa no século XVII, a “nova filosofia” ou “filosofia mecânica”. Esse movimento, conhecido como Revolução Científica, foi antagônico à tradição clássica e medieval que perduravam, tendo como pilares um conjunto de novos ideais. Seus partidários buscavam incrementar o conhecimento da época já consagrado, utilizaram-se, por exemplo, de conhecimentos de artesão metalúrgicos, curandeiros e jardineiros:

[...] nos empenhar ao máximo para proporcionar o bem geral de todos os homens: pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos utilíssimos à vida; e no lugar dessa filosofia especulativa ensinadas nas escolas, podemos descobrir uma filosofia prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus, e de todos os outros corpos que nos rodeiam, tão distintamente quanto conhecemos os diversos ofícios dos nossos artesãos, poderíamos empregá-las igualmente em todos os usos a que são próprios. (DESCARTES, 2008, p. 54).

Descartes (1596-1650), filósofo francês e um dos grandes nomes da Revolução Científica, acreditava que os conhecimentos dos artesãos seriam de utilidade inclusive para a medicina, auxiliando para a cura de muitas doenças do corpo e alma com o simples uso de remédios vindos da natureza.

Segundo Burke (2003), “Assim como os humanistas, mas em escala mais grandiosa, os adeptos do novo movimento tentaram incorporar conhecimentos alternativos ao saber estabelecido.” (BURKE, 2003, p.43).

As escolas médicas foram as que mais contribuíram para o avanço científico nesse momento histórico, entretanto nos meios acadêmicos tradicionalistas existia uma forte contraposição a esses novos ideais e filosofia. Assim, novas formas de estabelecimentos foram criadas, inclusive nas universidades como: laboratório, observatórios, jardins botânicos e anfiteatros de anatomia. Algumas dessas instituições foram criadas nas casas dos grupos de pessoas ligadas à filosofia natural, outras com aparelhagem mais cara e projetos de larga escala foram criadas pelo governo. Criaram-se também salões das humanidades, história, ordens como a Rosa-Cruzes, enfim novas bases de “cultura”, nas quais intelectuais tinham a oportunidade de debater.

Galileu Galilei e Isaac Newton são personalidades que merecem destaque, pois muito contribuíram para o desenvolvimento científico na época em questão.

Na época em que ocorre a Revolução Científica, observam-se características peculiares quanto à religiosidade, marcada pela existência do antagonismo entre Reforma e Contrarreforma. Cabe ressaltar também que em países que adotaram o Protestantismo na

época, o sistema educacional era mais amplo e tinha interferência do Estado. Também o ingresso de ideais filosóficos e científicos que vinham de correntes tanto racionalistas como empíricas.

Dessa maneira, na Revolução Científica, com a cooptação de ideias educativas, observou-se a necessidade de um novo comportamento existencial específico e novos rumos para a sociedade o que deu origem a um novo movimento no continente europeu.

## 5. O Iluminismo

Ao final do século XVII, a Europa observou o início de um novo movimento intelectual crítico, inicialmente sobre a política, que aos poucos se desencadeou para outras divisões sistematizadas:

A princípio tiveram caráter crítico e destrutivo e se efetuaram no campo da política. Mais tarde as impulsionou um afã de reforma e se dirigiram a todos os domínios da cultura, à ciência, à arte, à economia e à religião. O traço dominante da nova concepção do mundo e da vida era o emprego da razão como única norma de juízo. Nada que não pudesse justificar-se *à luz do intelecto*, nada que não pudesse ser *iluminado* pela inteligência humana teria direito à existência. (LARROYO, 1974, p. 507).

O lema do movimento iluminista era: “liberdade, igualdade e fraternidade” e inspirou outros movimentos revolucionários e libertários como a Independência Norte Americana e a Inconfidência Mineira.

Para os iluministas, o homem, por sua natureza, era bom e o meio o corrompia, e este só alcançaria a felicidade dentro de uma sociedade justa, igualitária e com a garantia de seus direitos.

Esse movimento filosófico interessava principalmente aos burgueses, prejudicados em especial pelo mercantilismo, e ao poder político limitado em suas mãos; porém os iluministas, em sua essência, eram contrários à intolerância religiosa, ao absolutismo, e aos privilégios conferidos ao clero e nobres.

O objetivo do Iluminismo era libertador quanto ao pensamento, estabelecia moralidade individual independentemente de sua convicção religiosa, e a supremacia recaía ao uso da razão desvencilhada de dogmas para reger a vida.

Sobre a educação os iluministas lançaram seu olhar. Segundo Boto (1996, p. 23) “Advogar ou não a escola para todos foi, desde logo, estratégia política de matriz iluminista. Curioso, entretanto, é reconhecer que os iluministas não chegaram a este ponto.”

Reformulado pedagogicamente, o homem poderia agora galgar novas dimensões político-sociais, porém esse ideal, a exemplo da escola para todos, não se concretizou.

### 5.1 *Rousseau*

Grande expoente da época, nasceu na Genebra, em 1912, e morreu em Ermenonville no ano de 1778. Foi um influente pedagogo e filósofo suíço.

De acordo com Boto (1996, p. 26), não deve ser Rousseau confundido com o iluminismo. Esse autor criticava os rumos que a razão tomou devido ao distanciamento da virtude e sob o aspecto de refinamento o homem transparecia toda a sua maldade. Rousseau sonhava com a sociedade ideal:

Vindo afinal, como em suas teorias gerais, do individualismo absoluto, Rousseau também chega, em sua pedagogia, às mais nítidas preocupações sociais. É que como vimos, se ele reprova a sociedade atual e se propõem a modificá-la, não pretende retornar a utópico estado primitivo natural, sem organização; propõe-se, ao contrário, constituir uma sociedade nova, sã e legítima – legítima porque natural – e para a qual convenha viver. (LEIF E RUSTIN, 1960, p. 87-88).

Essa sociedade idealizada teria na educação institucionalizada meios de formar o homem inteiramente novo desde tenra idade, respeitando a educação conforme seu período de crescimento, sem precipitações, daí seu entendimento de tempo de infância e de maturidade.

Para Rousseau, o homem era naturalmente igual, e assim, ele defendia a educação popular, não lhe era de interesse a educação dos filhos da elite. Seu conceito pedagógico norteava-se pela liberdade, o desenvolvimento das potencialidades naturais. De acordo com Rousseau (2004, p. 119), “Deixai a natureza agir por bastante tempo antes de resolver agir em seu lugar, temendo contrariar as suas operações”. O autor também era favorável ao afastamento das crianças do convívio social, que avaliava ser prejudicial. Observadas essas considerações, o homem formado poderia atuar naturalmente no meio social.

Entre os seus principais escritos estão **Emílio**, **Discurso** e **Contrato Social**; seus conceitos revolucionaram o pensamento, a pedagogia; inspiraram mudanças de ordem educacional e política e, ainda hoje nos servem de modelo.

### 5.2 *Enciclopédia*

Um grande episódio da época foi a organização e compilação do conhecimento até então adquirido pela humanidade e que ficou conhecida por **Enciclopédia** ou **Dicionário racionalizado das ciências, das artes e dos ofícios**. Teve a obra colaboração de 160 pessoas,

totalizando 17 volumes com textos e 11 com estampas de diversos campos do saber: eruditos, filósofos e criadores.

A **Enciclopédia** foi distribuída por Diderot; e, por diversas vezes, criticada. Sua publicação em 1759 foi proibida por um decreto real; e, condenada pelo papa Clemente XIII. A obra trazia velhos e novos conceitos e a corrente sobre novas formas de organização social; a **Enciclopédia** estava, então, em sintonia com o ambiente intelectual da época.

Nessa compilação do conhecimento, definiram-se alguns conceitos: a política como o mais difícil estudo; os homens como igualmente naturais, possuidores da maldade ou bondade e como seres superiores dotados do domínio sobre os animais; o governo ideal: a monarquia hereditária e limitada; ideia de nação e pátria; virtude de aptidões naturais ou adquiridas; valorização das letras; tolerância religiosa; privilégio do livre pensamento, entre outros conceitos defendidos pelos colaboradores.

## 6. A Revolução Francesa

No período que compreende 1789 a 1799, ocorre a Revolução Francesa. Nela se pretendia que a educação e organização curricular norteassem uma escola nacionalista, laica e pública. Esse movimento iniciou-se com Condorcet, importante pedagogo e erudito. A escola seria projetada com o intuito de um constante aperfeiçoamento social. Nesse contexto o homem seria educado pelo estado de maneira laica, gratuita, obrigatória, dentro de moldes cívicos, deveria ser instruído e fazer uso da racionalidade humana para poder usufruir de sua soberania. Assim se lançou uma ruptura com a educação mantida até então, que privilegiava a elite.

Universalizar a língua criando uma identidade popular se fazia necessário, viabilizando a cidadania, coesão e lealdade cívica. O povo estaria representando os ideais de nação com sentimentos de apropriação e pertença totalmente aderidos à Revolução Francesa.

A Pedagogia e o Terror se direcionavam para a formação do um homem político, enquadrado no coletivo. De acordo com Boto (1996), “A Pedagogia torna-se, então, conectada à esfera pública e ao próprio civismo: educação pela tessitura de almas revolucionárias que engendrariam a nova forma de ser nação”. (BOTO, 1996, p.69)

O homem regenerado e reformulado, sem qualquer vontade ou objetivo de percorrer as trilhas já caminhadas, não se esqueceria de tudo até então apreendido, por vezes, essa regeneração remetia muito mais a um temor pelo porvir.

## 7. Conclusão

Recorremos a referências e fontes históricas da educação europeia para a conclusão deste breve ensaio; e, assim nos foi possível identificar alguns traços característicos entre a educação da Grécia Clássica com a observada no momento histórico que compreende o Humanismo até a Revolução Francesa, denominado “período das ideias”, que proporcionaram mudanças no ideal de ensino da época, com sua influência atual na educação.

Os gregos, após reflexões filosóficas, descobriram o valor humano em si, da personalidade e independência apesar da religiosidade, a libertação de certos dogmas e o uso da razão e da inteligência crítica sobre a política. Esses preceitos também foram observados entre os intelectuais europeus, que buscavam na literatura clássica helenística inspiração e conhecimentos.

O período de efervescência em que a Europa mergulhava, na filosofia, intelectualidade, nas ideias e novos conceitos sociais, políticos e educativos, infelizmente, não vieram a sistematizar e organizar a educação desse tempo, sem distinção, de maneira justa e igualitária entre todos.

Ao lançarmos um olhar crítico sobre esse momento na história, encontraremos outra peculiaridade semelhante com o helenismo, período no qual a educação mais apurada contemplava apenas os ricos, excluindo os pobres desse processo. Assim, os oriundos de classes populares não participavam da intelectualização.

Durante a Revolução Francesa, houve o reconhecimento do valor da educação laica e igualitária para todos, nessa ocasião se principiou a escola pública e obrigatória, onde se procurou moldar o homem na sociedade e coeso com o Estado, dessa maneira, o povo prosseguiria a utopia da nação cívica.

Vários desses ideais anteriormente enunciados se incorporam na educação pública brasileira que, apesar de ter avanços, ainda carece de uma política educacional de qualidade e justa, a mesma imaginada durante o “período das ideias”, por tantos intelectuais que ainda nos servem de referência. Nesse ideal educativo, todos podem, sem distinção, usufruir do seu direito a uma educação com acesso livre, equitativa e qualificada, com vistas a superar as desigualdades sociais.

## Referências

- BOTO, C. J. M. C. R. A educação no Debate Iluminista. In: **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996, p. 21-69
- BURKE, P. A Consolidação do Conhecimento: Antigas e Novas Instituições. In: **Uma História Social do Conhecimento de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 43-47.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método: Meditações**. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 54
- EBY, F. Humanismo e Reforma Escolar e da Igreja. In: **História da Educação Moderna**. São Paulo: Globo, 1962. p. 76.
- ERASMO DE ROTTERDAM. In: **Enciclopédia Barsa Universal**. São Paulo: Planeta, 2007, v.7, p. 2209.
- LARROYO, F. **História Geral da Pedagogia**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1974, p. 499-524.
- LAWRENCE, E. S. A Renascença. In: **As Origens e a Evolução da Educação Moderna**. Lisboa: Ulisséia, 1974. p. 67-68.
- LEIF, J.; RUSTIN, G. **Pedagogia Geral pelo Estudo das Doutrinas Filosóficas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. p. 41-100.
- LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.93-168.
- MONTAIGNE, M. Da educação das crianças. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 151
- MONTAIGNE. In: ENCICLOPÉDIA Barsa Universal. São Paulo: Planeta, 2007, v.12, p. 4030.
- RABELAIS, F. De como Gargântua foi instruído por Ponócrates com tal disciplina que não perdia uma hora do dia, In: **Gargântua e Pantagruel**. Buenos Aires: El Ateneu, 1956. p. 128-129
- RABELAIS. In: **Enciclopédia Barsa Universal**. São Paulo: Planeta, 2007, v.14, p. 4999.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 119.
- ROUSSEAU. In: **Enciclopédia Barsa Universal**. São Paulo: Planeta, 2007, v.15, p. 5332.